

**INVENTANDO UMA IDENTIDADE PROFISSIONAL: A FORMAÇÃO EM
PSICOLOGIA – RELATOS DE EXPERIMENTAÇÕES NO CORPO**

Rogério Amador de Melo*
Jessica Franciele Oliveira de Souza
Maria Luisa Vicente Ribeiro
Danielle Jardim Barreto

Pensar em Formação em Psicologia e concomitantemente na produção de uma identidade profissional é trazer para discussão as afetações diversas que permeiam este campo relacional, não somente no que diz respeito aos Projetos Políticos Pedagógicos, mas efetivamente aos atravessamentos subjetivos que tais configurações produzem durante a formação.

É notório que a Psicologia no seu processo de efetivação como ciência, acabou respondendo a demandas sociais, permeadas por agenciamentos de poderes políticos e culturais, que legitimaram um saber psi que reafirmasse as verdades epistemologicamente engendradas pelas competências e habilidades da profissão (Bernardes, 2004).

Portanto, contemporaneamente emerge um re-visitar teórico e prático dos postulados psi que no seu bojo, produzem saberes/verdades sobre e para o sujeito. Deste modo, o presente estudo fragmento do Projeto de Iniciação Científica, executado na Universidade Paranaense, campus Umuarama, intitulado: “Atravessamentos e inovações na formação em Psicologia após advento das Diretrizes Curriculares Nacionais” parte da premissa que a Psicologia é constantemente atravessada por discursos e afetações de caráter cultural, político e ideológico, ou seja, por uma rede de saberes/verdades derivados de negociações sociais.

Entendemos que é neste contexto, que socialmente a Psicologia como saber, mas principalmente como identidade profissional, é agenciada por dois dispositivos de força que delimitam e estreitam de certo modo a visão dela para com ela mesma, além da concepção que se cria ao seu redor sobre sua identidade. Ilustrando afirma Alberti (1999):

Ao logo do século XIX, os saberes psicológicos se servem desses dois discursos para um novo campo de domínio que acaba por fazer deles servos e palco de dois tipos de poder. O primeiro, o poder soberano, que supõe um conhecimento a serviço de um poder uno, vindo de

cima, e que nos parece estar, na época, nas mãos do poder rural, representado, no campo do saber pela Igreja. O segundo, o poder disciplinar, cada vez mais normatizador, formando a rede de poderes cuja vertente vigilante encontra seu paradigma no panóptico de Bentham, desenvolvendo-se, aqui, através da medicalização da sociedade. Por um lado, domínio de um conhecimento não-médico, filosófico e, por outro, servindo à medicina mesma que se desenvolve, sobremaneira, no século XIX (p. 141).

Pondera então a autora, que os saberes psi são construídos a partir de discursos que tem em si uma objetividade e funcionalidade, que posteriormente sustentam uma prática individualista e intimista ao longo dos anos, chegando aos dias atuais. Porém, as demandas sociais e as problematizações referentes principalmente a questões relacionadas à diferença/identidade, subjetividade/singularidade, assujeitamento/empoderamento, fortemente discutidas por filósofos e teóricos sociais, convidam os saberes psi a serem revistos, pois o mesmo não dá mais conta da complexidade e plasticidade do humano trans-moderno.

As experimentações na formação em Psicologia demonstram tal realidade, onde num primeiro momento ao adentrar a academia, na maioria das vezes tem-se uma concepção e uma visão desta ciência trazida não somente pelo senso comum, mas também dos resquícios de uma cultura psi ainda tradicionalista (Guareschi et al., 2010). Essa afetação de saberes/verdades engendrados dentro da formação profissional, vem de certo modo produzir ou não novas possibilidades de se pensar e se fazer Psicologia, pois sendo uma ciência diretamente ligada à subjetividade, não se pode negar o atravessamento teórico/metodológico, bem como moral, social e político que infere direta e/ou indiretamente na subjetividade dos que se encontram no processo de formação.

Numa trans-modernidade aonde as experimentações do desejo, do corpo, as resistências às normalizações e naturalizações do humano tem sido dispositivos de força nas relações sociais, emerge também novos pensamentos e questionamentos sobre a concepção de sujeito e mundo, deste modo a formação em Psicologia através de uma troca de saberes, começa a problematizar em algumas vertentes tais pressupostos, ao qual trazem para sala de aula embates não somente teóricos, mas inquietações subjetivas agenciando novos territórios de desejo e existência sobre e para esse sujeito, conforme pondera Guareschi e Dhein (2009,

p.69): “Quando se pensa em formação da psicologia a partir de suas implicações culturais e políticas é que se pode pensar o quanto a formação e as práticas psicológicas organizam, produzem ou desorganizam o modo de viver dos sujeitos”.

Portanto, não podemos negligenciar que tais afetações não acontecem meramente na prática em si do profissional de Psicologia, mas os embates e as bricolagens de teorias e autores que vem sendo adotados nos planos de ensino, além das implementações nas Matrizes Curriculares discutidas pelos Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) dos cursos de Psicologia, apresentam fortemente uma movimentação na produção subjetiva do profissional que ainda está por se formar.

Pensar hoje em Psicologia, é refletir sobre o que está sendo agenciado nas academias, não somente em nível de conhecimento que vá de encontro com as habilidades e competências da profissão, mas de maneira incisiva no que está sendo engendrado no próprio modo de subjetivação que ali se estabelece nas relações com o referencial teórico, com as questões morais, religiosas, culturais e políticas de cada sujeito na sua singularidade (Prado Filho & Martins, 2007).

Neste sentido devemos ter em mente que a Psicologia não é tão somente uma ciência que reflete, problematiza e estuda a subjetividade, mas ela é agenciadora de novos territórios de desejo e existência, ou seja, ela a partir de seus discursos de saberes/verdades pode produzir singularidades, resistência, empoderamento, mas também pode agenciar assujeitamento, determinismo e alienação no próprio acadêmico de Psicologia. As experimentações vivenciadas no processo de formação em Psicologia são diversas, intensas muitas vezes, pois vai de encontro com as próprias questões do sujeito, que de uma maneira ou de outra ressignificará todo esse processo em sua vida.

É nessa rede de afetações que o se fazer psicólogo estabelece sua identidade profissional, no seu posicionamento ético-estético e obviamente político. Sair do lugar comum do psicólogo que tudo sabe, e que é neutro por “natureza”, que diagnostica e cura, demarca uma outra forma de se fazer psicólogo, que parte de não mais de uma simples resposta às demandas sociais, mas em inserir-se de modo a articular transformações de caráter político-social comprometido com a singularidade de cada sujeito e com a especificidade que engendra os diversos contextos (Guareschi et al., 2010). Porém, percebe-se que o processo

não é estanque apenas nestas questões, pois se fazer psicólogo numa trans-modernidade, é deixar-se atravessar pela multiplicidade de experimentações possíveis agenciadas por construções e des-construções de práticas teórico-metodológicas que permeiam as relações estabelecidas dentro e fora da própria academia.

De certo modo, podemos afirmar que é uma experimentação no próprio corpo, vivenciada durante o processo de Formação em Psicologia, onde se fazer psicólogo agencia e é engendrada por ser e se fazer sujeito ao mesmo tempo. É notório que a identidade profissional, principalmente dentro dos postulados psi, não está separado da identidade pessoal de cada um, pois o instrumento de trabalho do psicólogo é ele mesmo. Deste modo, a partir das bricolagens de saberes que a Psicologia como ciência vem se apropriando e aos poucos inserindo nos seus planos de ensino, como por exemplo, os Estudos Culturais, Teoria *Queer*, dentre outros, tem produzido outras possibilidades de pensar o humano, os contextos sociais, as diferenças e as próprias identidades (Moura, 1999).

Não podemos perder de vista que, é nesse campo relacional de teorias e métodos que o sujeito como acadêmico se depara em constante metamorfose, sendo atravessado por conceitos e experimentações diversas que agenciam possibilidades ou não de desconstrução e construção de si mesmo e, por conseguinte de suas práticas. Fatores estes que se intensificam quando os saberes/verdades psi vão de encontro com as questões morais, sexuais e de experimentações do corpo e do próprio desejo.

Tem sido um processo de estranhamento, onde o que se era dado como verdade absoluta, vem ganhando outras configurações e entendimentos, afetando diretamente quem somos, ora para uma abertura a mutação constante através de posturas de resistência, ou ao assujeitamento do que nos é posto e dito como natural. Assim, ao pensar numa invenção de uma identidade profissional, que esteja atenta e comprometida ética-esteticamente com o sujeito e a sociedade trans-moderna na sua multiplicidade, é pensar segundo Teixeira Filho (2011, p. 65) em “[...] um projeto foucaultiano de fazer a vida uma obra de arte”.

É um desafio constante, pois uma obra de arte se faz pelas mãos de um artista, portanto metaforicamente fazer Psicologia é se fazer um artista da vida. É possibilitar a abertura num primeiro momento às afetações múltiplas, experimentando no próprio corpo, a diferença, a metamorfose, a resistência, para se possível ser agenciadores de novos territórios

de existência mais autênticos, singulares e emancipatórios. Como enfatiza tão belamente a letra da música do primoroso Raul Seixas: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”.

Referências

Alberti, S. Parte IV – Jogos de verdade e saberes psi: História da Psicologia no Brasil – origens nacionais. In: Jacó-Vilela, A.M., Jabur, F., Rodrigues, H.B.C. *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.

Bernardes, J.S. (2004). *O debate atual sobre a Formação em Psicologia no Brasil: permanências, rupturas e cooptações nas políticas educacionais*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). PUCSP. São Paulo. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6403

Guareschi, N. M. F., Dhein, G. (2009). Formação em Psicologia: história, cultura e política. In: Tatsch, D., Guareschi, N. M. F., Baumgarten, S. T. (org.) (2009). *Tecendo Relações e Intervenções em Psicologia Social*. 1a. ed. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, v. 1, p. 64-73.

Guareschi, N. M. F. et al. (2010). A formação em Psicologia e a inserção para o trabalho no Sistema Único de Saúde. In: Guareschi, N. M. F. et al (org) (2010). *Psicologia, formação, política e produção de saúde*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 317 p.

Moura, E.P.G. (1999). A Psicologia (e os Psicólogos) que temo e a Psicologia que queremos: reflexões a partir das propostas de Diretrizes Curriculares (MEC/SESU) para os Cursos de Graduação em Psicologia. *Psicol. cienc. Prof*, Brasília, (v.19, n.2). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98931999000200003&script=sci_arttext

Prado, K., Filho; Martins, S. (2007). A subjetividade como objeto da(s) Psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*. (19(3): pp.14-19). Disponível em: www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a03v19n3.pdf

Teixeira Filho, F.S. (2011). Apontamentos para uma Psicologia contra-homofóbica. In: Conselho Federal de Psicologia. (org) (2011). *Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: CFP.